

**FAME COMPANHIA DE DANÇA:
UMA POÉTICA CONTADA ATRAVÉS PROCESSO CRIATIVO DA COREOGRAFIA
ECSTASY**

Thays Oliveira Reis
famedancestudio@live.com
<http://lattes.cnpq.br/9306113737485690>

Resumo: Este artigo trata de um análise do processo criativo da coreografia *Ecstasy*, como um caminho para a compreensão da poética da Fame companhia de dança, um grupo de artistas paraenses que se propõe a fazer dança jazz.

Palavras chave: processo, criativo, Fame, poética, dança, jazz.

Ao longo deste artigo, a escrita foi se dando paralelamente a uma prática. Não sei ao certo se o pensar influenciou o fazer ou se o fazer influenciou o pensar, embora acredite que ambos caminhem lado a lado e que de certa forma tenham influenciado um ao outro.

A prática da escrita e do buscar compreender, me leva a refletir sobre a poética desta companhia. No mês de agosto de 2014, a Fame Companhia de Dança levou aos palcos uma mostra coreográfica que reflete esta poética. Nossas influências e as escolhas desta caminhada.

Neste capítulo, buscarei auxílio nas imagens dessa mostra, que denominei de *Em Cena Jazz*. Nesta mostra, a Fame Companhia de Dança se enveredou em diversos caminhos, os quais escolho chamar de subgêneros do jazz, como cito anteriormente, com base em Kaepler.

As imagens são capazes de falar por si próprias. Busco refletir o nosso fazer, enquanto companhia que dança um jazz híbrido e influenciado por um pensamento contemporâneo que, através de uma multiplicidade de formas e de possibilidades nos permite criar o que denomino de dança jazz. Para tanto, busco inspiração na obra de Sônia Rangel (2009), e no seu argumento de que “A imagem associada à memória valerá por si mesma, pelo ato de superação e de comunicação que ela pode estabelecer enquanto arte”.

De qualquer maneira, é importante entender que a multiplicidade, ou pluralidade, na dança, é o atributo em meio ao qual coabitam várias ideias e formas de lidar com o movimento e a cena onde são constituídas variadas poéticas. Essas poéticas por sua vez, servem-se de uma gama diversificada de técnicas corporais, ora seguindo seus padrões formais, ora transfigurando-os e configurando outros padrões, entretanto, dedicando-se, primordialmente, à pesquisa do movimento como motivação criadora. (Mendes, 2010 p,116)

Este pensamento de Ana Flávia Mendes, cabe neste momento para elucidar a poética da Fame Companhia de Dança, no que se refere a nossa dança, a dança jazz, e ao que acontece nesse processo, quando ora seguimos os padrões formais do *jazz dance* e ora nos permitimos tranfigurá-los através de diversos estímulos que configuram outros padrões. Como no caso da coreografia *Ecstasy*: um processo influenciado por vários fatores. Entre eles: cor, música e emoção.



FIGURA 01: Coreografia Ecstasy, bailarina Camila Pará
FONTE: Foto cedida pelo fotógrafo Afrânio Brito

A foto acima se refere a uma coreografia que retrata em vários aspectos a poética da Fame Companhia de Dança. Uma dança jazz que toma forma desconstruída e, ao mesmo tempo, baseada no jazz, cercada de uma pesquisa e de uma influência do pensamento contemporâneo.

Para mim, enquanto coreógrafa, a inspiração pode vir de vários lugares. Nesta obra, inicialmente, partiu da música utilizada, um tango.

“O poeta e compositor Enrique Santos Discépolo Deluchi, que viveu na metade do século XX, definiu o tango como um sentimento que se pode bailar” (Pénnon, 1988 *apud* Almeida 2010, p.130)”. O Tango é um ritmo binário e sincopado, características do *jazz music*, por também ser uma música que teve em suas origens uma grande influência dos escravos africanos. Particularmente, gosto muito de coreografar a dança jazz, utilizando a música tango, pelo fato de ela permitir uma fluência de movimentos jazzísticos. A batida forte assemelha-se bastante a do jazz e, nesta coreografia, especificamente, foi possível hibridar alguns movimentos básicos do tango à dança jazz.

O Tango escolhido para a coreografia foi *Roxanne*. Esta música, em sua letra, fala sobre uma prostituta que luta entre o amor e profissão. A letra da música também serviu como forte inspiração para o trabalho, que me levou a pensar em todo o sofrimento que esta mulher deveria estar passando. O devaneio veio a partir do pensar das dificuldades de uma vida de prostituição, o que muitas vezes leva estas mulheres a um submundo de drogas. As sensações que uma droga chamada *ecstasy* poderia causar no corpo de uma mulher, e as sensações em comum que ela poderia ter com a dança jazz que nos leva a um estado de êxtase.

A diferenciação para Bachelard entre “sonho” e “devaneio” configura também no “devaneio” a presença do sujeito: “é precisamente pela fenomenologia que a distinção entre sonho e o devaneio pode ser esclarecida, porque a intervenção possível da consciência no

devaneio traz um sinal decisivo” (Bachelard, 1988 p.11 apud Rangel 2009 p.101)

Deste devaneio que, aqui, chamo de inspiração, surgiu a obra que refletiria muito nesta pesquisa. Uma pluralidade de idéias, de corpos, de linhas e de técnicas que se entrelaçavam entre o racional e o emocional, dando forma à dança.

Busquei compreender quais eram efeitos da Metilenodioximetanfetamina, que é o nome científico da também chamada “pílula do amor”, mais conhecida por *ecstasy*. Ela é uma droga moderna sintetizada, cujo efeito na fisiologia humana é a diminuição da reabsorção da serotonina, dopamina e noradrenalina no cérebro. Estas substâncias ficarão em maior contato entre as sinapses, causando euforia, sensação de bem-estar e alterações da percepção sensorial. Pensando nisso, seria inevitável comparar que a dança por si só causa muitos desses efeitos no corpo de um bailarino. São sensações de prazer e euforia estimuladas pela dança, que também tem a capacidade de liberar e estimular a produção de hormônios. Conforme o significado da palavra Êxtase a seguir:

Condição daquele que está emocionalmente fora de si ou tomado por sensações adversas, intensas e contundentes como o prazer, a alegria, o medo etc.; prazer vivíssimo e gozo íntimo, causado por uma grande admiração, enlevo ou pasmo; na Patologia, é um estado nervoso caracterizado pela perda de consciência da própria existência e pela abolição da sensibilidade a toda e qualquer ação externa. (Dicionário Online de Português)

Como a maioria dessas sensações são normalmente sentidas por quem dança. A inspiração, neste caso, ficou ainda mais próxima. Embora, todos os elementos da coreografia em questão, nos levasse a sentir tais sensações de uma forma mais intensa, ao comparar com as demais coreografias da companhia.



FIGURA 02: Coreografia Ecstasy, bailarina Tainah Leite
FONTE: Foto cedida pelo fotógrafo Afrânio Brito

A confusão da percepção sensorial ficou por conta do uso de bancos que possibilitaram uma pesquisa de movimentos invertidos. A coreografia inicia e termina com movimentos invertidos. Dançar desta forma causou um certo desconforto inicial às bailarinas que, ao longo dos ensaios, adaptaram-se. A cada vez que a coreografia foi apresentada, notei o espanto de pessoas da plateia com o inusitado. A confusão sensorial da visão do espectador também passa a ser parte da obra.

Só o fato de entrar em cena e sentar de costas, a energia já era tão forte que o público já ovacionava a gente, mesmo antes de começarmos a dançar. Quando a música iniciava, as pessoas começavam a gritar. Era uma loucura quando a gente dançava. A emoção era muita! Inundava a sala e conseguia atingir a todos. (Karla Vulcão, integrante da Fame Companhia de dança)



FIGURA 03: Movimento final da Coreografia Ecstasy, bailarinas Tainah Leite, Karla Vulcão e Camila Pará

FONTE: Foto cedida pelo fotógrafo Afrânio Brito



FIGURA 04: Cápsulas da droga Ecstasy

FONTE: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecstasy>

É importante comentar a respeito da escolha da cor roxa. Na maioria das imagens encontradas em pesquisas na internet, as cápsulas de *Ecstasy* são roxas, apesar de existirem várias cores da droga, com efeitos e cores diferenciadas. São chamadas de orbitais por terem o formato de duas elipses que se cruzam e formam um X, dando a ideia da linha imaginável dos planetas em órbita. É amarga e deixa a língua roxa, caso mantida na boca.

Ainda sobre a escolha de cores da cena, o figurino preto se neutralizava mediante ao linóleo preto e ao fundo também da mesma cor. Desta forma, valorizava-se mais ainda a cor roxa dos bancos. A cor roxa está ligada ao mundo místico e significa espiritualidade, magia e mistério. O roxo transmite a sensação de tristeza e de introspecção; estimula o contato com o lado espiritual, proporcionando a purificação do corpo e da mente, e a libertação de medos e outras inquietações; é considerada a cor da transformação. Sendo assim, a escolha da cor estava intimamente ligada a todo o processo em questão, indo além da coreografia. Estava ligado, também, à pesquisa e à transformação que a Fame Companhia de Dança vem sofrendo.

Sobre as mudanças fisiológicas no corpo humano, a *Ecstasy* é uma droga que deixa a boca seca, os olhos bem abertos, a pupila dilatada e dá a sensação de muito calor. Os efeitos passam de uma hora para outra. Tentamos retratar todas estas características na coreografia, por meio da expressão das intérpretes e a oscilação da intensidade de movimentos.

Seguramente, nenhuma outra corrente de dança, antes, lidou tanto com a experimentação e pesquisa como a de nossos dias. Pelo contrário, as correntes anteriores, se formulam através de um vocabulário de movimentos restrito, de fórmulas coreográficas preestabelecidas e uma certa falta de liberdade criativa. (Silva, 2005, p.142 *apud* Mendes, 20010, p.120)



FIGURA 22: Olhar fixo, pupilas provavelmente dilatadas pela baixa incidência de luminosidade, momento de pausa.

FONTE: Foto cedida pelo fotógrafo Afrânio Brito

Certamente, a coreografia em questão, causa uma série de alterações no corpo das intérpretes. Este estado modificado de corpo, gera um estado modificado de consciência. Segundo os estudos da Etnocologia, os estados alterados de consciência são, frequentemente, associados aos estados de “transe”, “êxtase” e possessão (Bião, 1990, p.132 -142).

A primeira sensação que eu tinha, era no momento que começamos de costas para o público e a música iniciava transfigurando a cena, criando um clima. Naquele momento, parece que a Roxane, vinha em mim. A questão da emoção era muito relacionada com a música que nos levava ao um estágio de expandir aquilo e atingir o público como sempre atingia. (Karla Vulcão, integrante da Fame Companhia de Dança)

Considero que, com certeza, eu chegava a um estado de êxtase ao dançar. Lembro-me que em uma das vezes, no Belém Dance, no Theatro da Paz, saí do palco ao final da coreografia chorando muito, sem compreender ao certo o que havia acontecido. O fato é que aquela coreografia mexia muito comigo. (Karla Vulcão, integrante da Fame Companhia de Dança)

Eu sentia uma explosão de sentimentos que não consigo descrever... Passava por diversos estágios. No meu subtexto, eu estava apaixonada, mas, ficava irritada, estressada, sentia paixão e ódio ao mesmo tempo. Aquilo tudo se conflitava dentro de mim. (Karla Vulcão, integrante da Fame Companhia de Dança)

Em um determinado dia, durante uma apresentação no palco, uma das intérpretes, Ádria Soares, deu uma gargalhada inesperada. Ficamos sem entender o ocorrido. Ao final, perguntamos a ela o que havia acontecido e ela relatou que não lembrava de nada. Então fomos assistir ao vídeo, que registrou o momento da gargalhada. A própria Ádria ficou surpresa a ver a cena.

Compreendo esses relatos das intérpretes da companhia, diretamente relacionados ao estado de êxtase que a coreografia as levou, e a todos os elementos da cena que favoreceram este processo, levando-as a este estado de corpo e consciência alterados. Além disso, traço aqui um *link* com a pesquisa de Jussara Miller (2012), que pensa o corpo como um vetor de emoções, pois, o corpo que dança permite o sensível.

[...] o corpo que dança permite o sensível, com toda sua gama de possibilidades de sensações e reverberações variadas de imagens e significados. Essas percepções são incorporadas pelo artista em criação e ação cênica por meio de suas vivências e experiências - como tatuagens em movimento, revelando que o corpo é vestido de seus vestígios. (Miller, 2012 p .118)

Outro ponto a ser analisado a partir dos registros de imagens é a sensualidade que é inerente à dança jazz. A sensualidade é muito marcante nesta coreografia. Ela fica bem marcada em vários momentos, como na imagem a seguir, que deixam a interpretação da cena a cargo do espectador. Por ser o *jazz dance* sensual de origem, percebo esta marca muito presente no meu corpo e nos demais integrantes da Fame Companhia de dança. De forma proposital, ou não, a sensualidade está presente como uma marca nas coreografias da companhia, de forma tênue ou marcante. Neste caso, na coreografia “Êxtase”, a sensualidade foi muito marcante, intensa.

É importante falar sobre o uso das sapatilhas de ponta nesta coreografia, algo que não é comum em coreografias de jazz. A escolha do uso das sapatilhas de ponta remetem ao equilíbrio e desequilíbrio do corpo e da mente que podem ser causados pelo alucinógeno. Mas, também foram utilizadas para remeter à postura do tango. Pensei em utilizar salto alto, mas, confesso que o desafio também me move enquanto coreógrafa: dançar um jazz, ao som de um tango, construindo um personagem e trazendo emoções à tona. Ora movimentos invertidos, ora desconstruídos, ora alongados e nas pontas dos pés.



FIGURA 23: Coreografia Ecstasy com Karla Vulcão e Ádria gomes.
FONTE: Foto cedida pelo fotógrafo Afrânio Brito

“Sou louca, confusa, puro sentimento, emoção, desorganização, não aceito regras, acima de tudo intensa. Eu sou o que eu danço!” (Ádria Soares, integrante da Fame Cia. de dança)

Compreendo a coreografia Êxtase como dança jazz, pois, nela nota-se influências múltiplas. Nada foi descartado. Existem movimentos do jazz e características dele muito presentes no corpo das bailarinas, bem como na movimentação jazzística, embora, haja influência do ballet clássico, do Tango e certamente, uma moldura contemporânea envolvendo a obra. Tudo isso reflete em jazz único, uma soma de elementos que resulta no jazz da Fame Companhia de dança, representado aqui por uma coreografia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo. **Um léxico para a Etnocenologia: Proposta preliminar.** In: Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos. Salvador: P e A Gráfica e Editora, 2009.

BIÃO, Armindo. **Aspectos Epistemológicos e metodológicos da Etnocenologia: por uma Cenologia geral.** In: Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos. Salvador: P e A Gráfica e Editora, 2009.

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos.** Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

MENDES, Ana Flávia. **Dança imanente: Uma dissecação artística do corpo no processo de criação do Espetáculo Averso.** São Paulo: Escrituras, 2010.

MILLER, Jussara. **Qual é o Corpo que Dança? : Dança e Educação Somática para Adultos e Crianças.** Summus. São Paulo, 2012.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** Tradução: Maria Helena Nery Garcez. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RANGEL, Sônia Lúcia. **Olho Desarmado – Objeto Poético e Trajeto Criativo.** Salvador: Solisluna Design Editora, 2009.

Dicio Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/extase/>>. Acesso em: 16/03/15.

Ecstasy. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecstasy>>. Acesso em: 16/03/15.

Significados da cor roxa. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cor-roxa/>>. Acesso em: 19/03/15.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará, com especialização em dança pela Faculdade Brasil Amazônia. Atualmente cursa o Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Pará com bolsa da CAPES.